

Roda de leitura no berçário: investigando interações entre os bebês.

Vanessa Leal dos Santos Ferreira¹

Fátima Lúcia Soares Ribeiro²

Resumo

Este artigo se propõe a investigar como ocorrem as interações no berçário a partir das situações de leitura. Para captar estas interações, optamos pela técnica da videografia. Buscamos identificar as interações; observar o manuseio dos bebês ao material de leitura utilizado pelo educador, e ainda, compreender os significados destas interações. Ao longo do texto, elencamos alguns episódios interativos, os quais foram transcritos e tratados por meio da análise microgenética. Os resultados demonstraram que o estudo detalhado sobre estas interações pode fornecer subsídios para o aperfeiçoamento da prática pedagógica no berçário e suas contribuições para o desenvolvimento do bebê nas diversas dimensões.

Palavras-chave

Bebê. Interações. Leitura.

1. Introdução

A presente pesquisa surgiu em função das vivências na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica – PPP VI, momento da graduação em que temos a oportunidade de realizar o Estágio na Educação Infantil. Essa disciplina nos aproxima do cotidiano das creches e pré-escolas, além de permitir a reflexão sobre a ação pedagógica, com crianças menores de seis anos. A experiência de estágio supervisionado teve como foco o estudo do planejamento pedagógico voltado para a rotina com crianças do berçário. As intervenções feitas junto à professora do grupo e, principalmente, as interações observadas entre os bebês nos momentos de leitura, motivaram a realização dessa pesquisa sobre a prática da leitura no berçário.

A maioria das pesquisas, relacionadas ao campo da Educação Infantil evidenciam a relação entre a prática docente e as estratégias de aprendizagem da criança, notadamente por volta dos quatro anos de idade. Identificamos isto a partir do levantamento feito sobre os últimos cinco anos (entre 2009 e 2013), as Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, em relação às pesquisas apresentadas no Grupo de Trabalho 07, que trata sobre a Educação da Criança de 0 a 6 anos. Já os

¹ Concluinte de Pedagogia - Centro de Educação - UFPE – vanessaleal_7@hotmail.com

² Mestra em Psicologia Cognitiva. Professora do DMTE/CE/UFPE – fatimalsribeiro@uol.com.br

estudos direcionados a prática no berçário são pouco frequentes, identificamos apenas um total de quatro pesquisas nesse período.

Autores como Teberosky & Colomer, (2003); Ramos e Rosa, (2009); Brandão e Rosa, (2010); Valdez e Costa, (2010); Nascimento, (2012); Mello, (2012) e Ramos, (2012), defendem a inserção da leitura na Educação Infantil. Essas pesquisas revelam a importância de envolver a criança em situações de leitura, desde muito pequenas.

Discutiremos aqui, a importância da inserção dos bebês em práticas e situações de leitura na rotina do berçário, tendo em vista o seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, comunicativo e cultural. De acordo com Ramos e Rosa (2009), a criança “mostra-se interlocutora dinâmica, desde bebê, orientada para a troca, regulação social e participação em diálogos recíprocos com os recursos instrumentais de que dispõe” (p. 7). Dentro deste contexto, o bebê é considerado como interlocutor na ação educativa.

Diante disto, elegemos o bebê como o foco desta pesquisa. Com o objetivo central de investigar as interações que ocorrem entre os bebês, a partir das situações de leitura no berçário, buscamos através deste estudo: identificar as interações que ocorrem nos momentos de leitura; observar o manuseio do material de leitura utilizado pelo educador e, ainda, compreender os significados destas interações, na relação entre os bebês.

Neste sentido, este artigo procura contribuir com os estudos relacionados ao desenvolvimento do bebê em suas múltiplas dimensões, além de auxiliar a reflexão pedagógica diante da prática no berçário. As interações entre os bebês, aqui observadas e analisadas minuciosamente, serão discutidas, a partir do diálogo com o que dizem as teorias recentes.

2. Base teórica

Considerando o objeto de estudo em questão, o qual propõe investigar as interações que ocorrem entre os bebês a partir das situações de leitura, revelaremos aspectos pertinentes ao desenvolvimento do bebê, nossa concepção diante do conceito de interação, seus significados e como esta se manifesta entre os bebês, nos momentos de leitura.

No segundo momento, discutiremos o que as pesquisas recentes apontam sobre o bebê e suas consequências para a prática pedagógica no

berçário. Em seguida, apresentaremos o que dizem os documentos oficiais orientadores da Educação Infantil no Brasil, dentre eles, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCNEI (1998) e os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009), em relação à prática pedagógica para esta modalidade de ensino. Por fim, reafirmaremos as contribuições positivas ao inserir a leitura no cotidiano das crianças, desde muito pequenas.

2.1. Quem são os bebês? Como eles se desenvolvem?

Para respondermos a estas perguntas, temos que levar em consideração as mudanças que ocorreram diante das concepções de infância. O progresso científico, as transformações na conjuntura socioeconômica e cultural das sociedades vêm revelando novos olhares em relação à criança, em especial, ao bebê.

A visão arcaica de que o bebê não pensa, não reage a estímulos, não se comunica e conseqüentemente, não aprende, está ultrapassada. Os avanços teóricos, apontados pelos estudos das relações entre o ser humano e o meio, resultaram nas vertentes conhecidas como: sócio-interacionistas, construtivistas e/ou sócio-históricas, as quais vêm orientando os rumos da psicologia e da educação, concernente aos aspectos do desenvolvimento do bebê.

A teoria vygotskyana ressalta aspectos da interação entre a criança e o outro, como fatores cruciais para o seu desenvolvimento.

[...] segundo Vygotski, as funções psicológicas superiores, típicas do ser humano, originam-se, sempre, nas relações reais entre indivíduos reais e concretos. Nesta medida, as funções psicológicas não podem ser encaradas como algo que é restrito e interno a um único indivíduo. Ao contrário, elas devem ser buscadas entre duas ou mais pessoas, entre dois ou mais aparelhos. Está é a ideia chave que se encontra na origem da teoria que postula, de uma forma inovadora, as relações entre as interações sociais e o desenvolvimento cognitivo, sublinhando o papel formador das primeiras, no que vem a ser a construção partilhada de conhecimentos. (DAVIS et al, 1989, p. 51).

Diante destas interações, o educador exerce papel fundamental para o desenvolvimento da criança. Nesse processo comunicativo, a mediação se faz necessária, sobretudo nos momentos de leitura e deve estar comprometida com o desenvolvimento de um indivíduo inteiro, único, dotado de razão e

emoção. Em vista disso, é notória a relevância de uma prática pedagógica reflexiva e sistematizada no berçário.

Tristão demonstra concordar com esta teoria, ao enfatizar que “as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil devem alfabetizar-se nas diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las”. (2005, p. 39). A postura do educador é revelada nos detalhes da sua relação com a criança. A diferença entre o modo de conceber as especificidades da infância é percebida desde a sua forma de se comunicar com o bebê, nas diversas atividades da rotina na creche, perpassando pelo planejamento das vivências na sala de aula.

Um educador que desenvolve este tipo de “alfabetização” é facilmente reconhecido através da sua prática cotidiana. Esta prática pode ser identificada pela observação em torno das interações no grupo infantil.

Segundo Ramos (2012), a comunicação no berçário “é entendida como um processo que envolve acordos entre parceiros, partilha de intenções e negociação de significados em situações socialmente relevantes e afetivamente envolventes” (p. 46). Com o bebê, estas situações acontecem nos momentos das interações entre os parceiros, por meio de expressões faciais, olhares, gestos, inquietação, choro, sorrisos, disputas por objetos, imitações, balbucio de sons, gritinhos, entre outros sinais utilizados pelos bebês, para expressarem sentimentos e necessidades.

Este tipo de comunicação ocorre tanto entre os bebês, como também na relação entre os adultos que os rodeiam, no caso, os profissionais e demais pessoas que compõem a comunidade da creche e participam da rotina do berçário, direta ou indiretamente – pais, auxiliares de desenvolvimento infantil (ADI's), pessoal da limpeza e da cozinha, etc. É nesse contexto, sócio-comunicativo que o bebê vai se desenvolvendo e a linguagem começa a ser estimulada e consolidada.

Concordamos com Ramos, ao afirmar que

O ambiente do berçário mostra-se propulsor das conquistas infantis quando permite que a criança ressignifique suas hipóteses a partir de sua interação com fenômenos, objetos e situações sociais, num percurso ativo de (re) elaboração de idéias, confronto de pontos de vista, transformando suas explorações em conhecimento, saberes e representações do contexto cultural que a circunscreve. (2012, p. 61).

O berçário como um espaço que proporcione estímulos variados, que incentive a exploração e o manuseio a diferentes tipos de materiais, um ambiente planejado e seguro, são fatores determinantes para o desenvolvimento do bebê, nas diversas dimensões.

O professor que enxerga na criança um potencial rico de aprendizagens, demonstra através de sua prática a preocupação constante em apresentá-la desde cedo aos rituais, aos costumes e às produções da cultura humana. Diante disto, observamos uma quebra das concepções anteriores, que privavam a criança do contato com o conhecimento produzido pelo homem, negando o direito à educação.

Identificamos que, aos poucos, o bebê vem ganhando espaço nas pesquisas, dentre elas, destacamos as contribuições dos estudos de Carvalho et al. (2012), ao considerar o bebê como um ser incrível, justamente pelas competências observadas e reveladas através das possibilidades de interação, com o outro e com o meio.

Compreender como o bebê se comunica nessas interações não é tarefa fácil. Exige do pesquisador a atenção necessária para acompanhar as reações a determinados estímulos; paciência para analisar seus movimentos e discriminar que tipos de relações estão sendo estabelecidas naquele momento. Nestas relações, a mediação se apresenta como um elemento chave, para o avanço dos bebês.

Inicialmente, este processo ocorre com a família, principalmente por intermédio da mãe. Quando o bebê entra na creche, ele se depara com um ambiente diferente, composto por espaços, objetos e sujeitos. Neste ambiente o professor exerce um papel fundamental, pois cabe a ele planejar e organizar a rotina e as experiências vividas na creche. Seus valores, suas concepções em torno da infância e do bebê, são revelados diante da postura pedagógica expressa no seu planejamento e na vivência com as crianças.

As concepções evoluíram e o interesse em desvendar o universo do bebê também. A preocupação com a diversidade de estímulos oferecidos e a exploração a diferentes materiais têm mostrado que o bebê é capaz de explorar o mundo, aprender e se desenvolver por meio da mediação e das interações com o outro.

2.2. Pesquisas com bebês: o que apontam?

Ramos (2012), em sua pesquisa sobre *As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras?* buscou

capturar o ponto de vista dos bebês como elemento balizador da organização das práticas educativas, explorando suas possibilidades expressivas não-verbais, em situações cotidianas da Educação Infantil organizadas por suas professoras, tomando como pressupostos as idéias de que eles têm o que dizer, ou seja, possuem recursos sociocomunicativos para demonstrar suas intenções, interesses e necessidades, partilhando significados através dos meios funcionais de que dispõem, mesmo na ausência da fala articulada. (2012, p. 1).

A pesquisadora chama a atenção para as *emergentes descobertas* sobre como a criança aprende, baseada nas *novas possibilidades educacionais que a Educação Infantil inaugura* (2012, p.2). Ela observou e analisou turmas do berçário de dois Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) da cidade do Recife/PE, com 02 professoras, 06 Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADIs), 31 crianças de ambos os sexos, entre 08 e 16 meses. O campo de pesquisa observado foram as salas de convivência. Para a análise, foram feitos registros videogravados, num período de três meses. Sua análise revelou que

olhar para o bebê no contexto da Educação Infantil e ouvi-lo em seus interesses viabilizaram a captura e a compreensão de seu ponto de vista como elemento que balizou a construção de um trabalho pedagógico a partir das competências que seu comportamento interativo pôde desvelar, conforme apresentamos. Quando demonstram suas atitudes interativas e de acolhimento às manifestações infantis, as educadoras participantes deste estudo indicam como é possível favorecer as aquisições sociocomunicativas do bebê, reconhecendo-a enquanto sujeito socialmente competente e capaz de organizar suas percepções e expressá-las criativamente, atribuindo diferentes sentidos ou, quem sabe, elaborando novos significados àqueles propostos pelo interlocutor. (RAMOS, 2012, p. 13).

Cabe aqui mencionar que os avanços teóricos, metodológicos e tecnológicos são ferramentas que auxiliam os pesquisadores neste processo investigativo sobre como o bebê aprende, se comunica e interage com o mundo ao seu redor.

Na tentativa de investigar como as crianças do berçário participam das situações de leitura e contação de histórias, organizadas pela professora, Ramos e Rosa (2009) desenvolveram uma pesquisa com o intuito de “apreender elementos que explicitem a organização didática que entrosa os

bebês no fluxo de situações leitoras e examinar como as crianças apreendem e compartilham significados nas práticas leitoras propostas pela professora do berçário”. (2009, p.3)

Diante das observações, as autoras verificaram que

o compartilhamento de significados foram deflagrados pela orientação da atenção dirigida ao outro, indicando-nos que a criança monitora as ações e reações do parceiro, acolhe e interpreta suas investidas sociais e comunicativas. Os achados parecem confirmar alguns resultados da literatura que demonstram que a criança não é um ser passivo na relação social: ela forma vínculos afetivos, cria e explora modos diferentes de comunicação, de solicitação do outro e também elabora diferentes respostas às manifestações do parceiro para consigo. (2009, p.7).

Rossetti-Ferreira, Anjos, Amorim e Vasconcelos (2003) em pesquisa realizada com bebês, problematizaram questões relacionadas à incompletude motora e como ela pode ser um elemento capaz de prolongar um episódio de interação, entre crianças pequenas e/ou mesmo, propiciar o surgimento de novos episódios de interação entre os bebês. Contribuindo com o estudo das interações bebê-bebê, a pesquisa constatou que, “em crianças um pouco mais velhas e que apresentam interações mais coordenadas e duradouras, a incompletude motora também pode estar presente alterando a sequencia dos acontecimentos no episódio.” (2003, p.299).

A partir dessas pesquisas, percebemos que a dinâmica de investigação sobre as interações no berçário se constitui num elemento rico de análise que pode contribuir com o trabalho do educador da Educação Infantil, auxiliando-o no planejamento de uma prática pedagógica fundamentada teoricamente, e que promova o desenvolvimento integral dos bebês.

2.3. Interações entre os bebês em situações de leitura

Retomando a questão da leitura para esta faixa etária, evidenciamos que esta vem alcançando maior visibilidade e tem sido objeto de pesquisas recentes. Autores como Brandão e Rosa (2010), Valdez e Costa (2010), Ramos (2012), Nascimento (2012) e Mello (2012), se preocuparam em investigar esta questão, apontando para a necessidade e os benefícios da prática de ler no contexto da Educação Infantil, inclusive no berçário.

Sobre a leitura compartilhada no âmbito escolar, Teberosky & Colomer (2003) elegem duas principais características dessa prática, são estas: a

qualidade da interação e a frequência/repetição da história lida. Seus estudos contribuíram para afirmar a participação ativa das crianças neste processo, variando o nível de participação conforme as idades. As autoras ressaltam e defendem que “a leitura compartilhada proporciona um bom contexto para aprender a linguagem e que, por sua vez, proporciona o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas” (TEBEROSKY, 2003, p. 32).

Acreditar que o uso de livros deve ser iniciado apenas quando a criança entra na escola, ou seja, não oportunizar o contato com os livros antes de a criança aprender a ler, ou ser capaz de ler oralmente, são atitudes de pais e professores, os quais reproduzem uma concepção de infância retrógrada que nega os avanços teóricos revelados pelo protagonismo infantil diante das pesquisas recentes.

Ao tratar da inserção da criança em práticas sociais de leitura, as autoras chamam a atenção para o papel do professor como mediador, nesse processo. Cabe ao professor organizar um ambiente favorável para a realização da leitura, como também a escolha das estratégias adequadas para

incluir a leitura como parte das rotinas escolares, de modo que as crianças saibam onde se sentar, o que fazer, como se comportar e em que momento vai acontecer a leitura; [...] repetir as leituras de um mesmo livro; [...] promover as condutas de simulação de leitura; [...] oferecer-se como modelo de leitor; [...] colocar os livros ao alcance das crianças (TEBEROSKY & COLOMER 2003, p. 120).

Para que o professor seja capaz de inserir a leitura na sua prática pedagógica é necessário que ele seja um leitor ativo, conhecedor dos critérios de seleção dos livros e mediador da leitura, promovendo o contato e a interação com o livro. Parafraseando Teberosky (2003), uma leitura interativa, permitindo a criança interagir com textos escritos variados, através da mediação do adulto que lê em voz alta, se caracteriza como um processo rico de aprendizagens, favorecendo sua entrada no mundo das letras, território ainda desconhecido, na exploração das diferentes formas de linguagem e comunicação.

As crianças que vivenciam experiências de leitura no âmbito familiar mostram-se mais interessadas e curiosas na hora de explorar os livros e realizar atividades que envolvem a leitura em outros espaços, dentre eles, o escolar.

Outro fator que merece destaque diz respeito às formas de contar a história. Recursos, como os jogos verbais, canções, rimas, aliterações, adivinhações, refrãos, ditados populares, são estratégias frequentemente utilizadas pelos professores da Educação Infantil, visto que o aspecto sonoro é um importante elemento para chamar atenção das crianças. Principalmente, quando se trata de bebês. Em recente pesquisa, Ramos e Rosa (2009) afirmam que, “a criança do berçário pode ampliar suas capacidades linguísticas e desenvolver atitudes leitoras em situações comunicativas e expressivas mediadas pela literatura e pela forma como a professora a insere em práticas de leitura.” (p. 3). No que diz respeito à interação e às formas de inserção das crianças em práticas leitoras, convém destacar a importância do uso das estratégias, citadas anteriormente.

Neste sentido, como já falado anteriormente, a mediação é vital para o desenvolvimento das crianças. Além de atuar como “modelo de leitor” (TEBEROSKY & COLOMER, 2003), o professor guiará a criança nessa interação. O conhecimento acerca das teorias de desenvolvimento da criança, nos diferentes aspectos que conduzem a prática docente é percebido através de uma conduta profissional, que proporcione o avanço e as conquistas dos pequenos, em parceria com os pais e a comunidade escolar. Esta tríade é determinante para se alcançar os objetivos educacionais pretendidos.

Destacamos aqui a necessidade de, desde cedo, apresentar os livros aos bebês. Oportunizar o contato com este material, através do manuseio e das interações com o livro é elemento importante no processo de construção da aprendizagem conforme as recomendações do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998).

O RCNEI (op.cit.), apresenta em seu Volume 3, objetivos da prática pedagógica, aponta para a necessidade de promover experiências sensoriais diversas e o contato com elementos lúdicos da cultura popular local, em todos os blocos de conteúdos, os quais são: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral & Escrita, Natureza & Sociedade e Matemática. Destacamos aqui, o excerto que pertence ao bloco de conteúdo Linguagem Oral & Escrita, voltado para o trabalho com crianças de zero a três anos, que propõe a

•Participação em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas etc.

- Participação em situações cotidianas nas quais se faz necessário o uso da leitura e da escrita.
- Observação e manuseio de materiais impressos, como livros, revistas, histórias em quadrinhos etc. (BRASIL, 1998, p. 133).

Evidenciamos a presença, de uma proposta de conteúdos e objetivos que incentivam o desenvolvimento de práticas de leitura no contexto infantil. Além, de sugerir a participação das crianças em situações envolvendo a leitura, contemplando diferentes gêneros e a exploração a uma variedade de suportes e gêneros textuais.

O documento intitulado *Indicadores de Qualidade na Educação Infantil* (2009), como o próprio nome sugere, indica e aponta as dimensões que devem estar presentes no contexto da educação destinada à infância, visando o desenvolvimento da criança, do ponto de vista psicológico, cognitivo, físico-motor e afetivo. O documento é composto por sete dimensões, dentre as quais, destacamos duas.

A primeira se refere à *Multiplicidade de experiências e linguagens*. Este tópico traz recomendações para a promoção de experiências diversificadas e o planejamento de uma rotina que valorize as inúmeras potencialidades das crianças. Como podemos identificar no trecho que segue

As professoras devem planejar atividades variadas, disponibilizando os espaços e os materiais necessários, de forma a sugerir diferentes possibilidades de expressão, de brincadeiras, de aprendizagens, de explorações, de conhecimentos, de interações. A observação e a escuta são importantes para sugerir novas atividades a serem propostas, assim como ajustes no planejamento e troca de experiências na equipe. (MEC, 2009, p. 40).

Neste fragmento, apresentam-se recomendações quanto à disponibilidade de materiais acessíveis na sala de aula; o incentivo as variadas formas de expressão por meio de diferentes linguagens plásticas, simbólicas, musicais e corporais, como recursos que contribuem para o desenvolvimento das aprendizagens infantis.

No item 2.5 dos Indicadores, que trata das experiências agradáveis, variadas e estimulantes com a linguagem oral e escrita, encontramos questões relacionadas a inserção da leitura no cotidiano dos pequenos, inclusive, dos bebês. Como observamos abaixo

- 2.5.1. As professoras leem livros diariamente, de diferentes gêneros, para as crianças?
- 2.5.2. As professoras contam histórias, diariamente, para as crianças?

2.5.3. As professoras incentivam as crianças a manusear livros, revistas e outros textos?

2.5.4. As professoras criam oportunidades prazerosas para o contato das crianças com a palavra escrita?

2.5.5. As crianças são incentivadas a “produzir textos” mesmo sem saber ler e escrever?

Questão que se refere apenas a bebês e crianças pequenas

2.5.6. As professoras e demais profissionais adotam a prática de conversar com os bebês e crianças pequenas mantendo-se no mesmo nível do olhar da criança, em diferentes situações, inclusive nos momentos de cuidados diários? (MEC, 2009, p. 43).

Identificamos que há uma preocupação quanto à promoção de práticas que envolvem a leitura, desde cedo, nas instituições educativas. A compreensão esclarecida de uma prática pedagógica, que privilegie o bebê como sujeito construtor de seu aprendizado, conduzirá a uma ressignificação dos processos de ensino-aprendizagem; tanto para a criança, quanto para o educador.

Outra dimensão que chamamos a atenção é a denominada: *Interações*. Nesta seção, destacamos as ações de intervenção do educador, no sentido de evitar e solucionar os possíveis conflitos entre as crianças. Tendo em vista que

Sendo uma instituição educacional, essas interações devem ser formadoras, no sentido de que devem ser baseadas nos valores sociais que fundamentam sua proposta pedagógica. A cidadania, a cooperação, o respeito às diferenças e o cuidado com o outro são aprendidos na vivência cotidiana. (MEC, 2009, p. 45).

Neste sentido, ao analisar as interações não podemos perder de vista o seu caráter formador, na construção de valores reproduzidos e competências estimuladas pelos que atuam neste ambiente educativo. Ramos alerta-nos para o aspecto da formação do professor, ao enfatizar que

A formação é referida como um campo de afirmação de identidade, de elaboração de um sentido de pertencimento a um grupo e que tem um projeto político-pedagógico que dá sustentação à sua prática cotidiana. (2012, p. 141).

Sendo assim, cabe ao professor estar atento à sua prática pedagógica, buscando aperfeiçoá-la através da reflexão e do planejamento diário da sua atuação. Por ser um referencial significativo para os bebês, desde a etapa da adaptação no berçário até a passagem para o grupo seguinte.

Outro aspecto essencial para o desenvolvimento da criança é a importância dada ao ato de brincar na prática pedagógica do CMEI, sobretudo no berçário. Além da necessidade da interação constante entre os demais profissionais (porteiro, auxiliares de desenvolvimento infantil, cozinha, limpeza,

estagiários, entre outros) com as crianças. Momentos em que se fortalecem os laços afetivos criados pelas interações produzidas nas formas de vivenciar a prática do cuidar e educar na creche.

Concordamos com Ramos (2012) ao apresentar o berçário como um campo rico de experiências para o bebê e desafiador para o professor, que se vê como agente transformador e mediador, comprometido com o desenvolvimento pleno do educando.

Atentar para os aspectos que atraem o bebê, a escolha do material de leitura, a diversidade de vocabulário, imagens e a frequência da leitura na rotina dos bebês, perpassa pela concepção de criança e de educação do educador. No mercado editorial, encontramos materiais de leitura, especialmente produzidos para o pequeno leitor. Livros de pano, de banho, de sono, de imagens, sonoros e livro-brinquedo são opções interessantes para iniciar o bebê no universo literário.

3. Metodologia

Nosso objeto de pesquisa caracterizou-se pela observação e investigação das interações entre os bebês em situações de leitura no berçário. Dentro desta caracterização geral buscamos: identificar as interações que ocorrem nos momentos de leitura; observar o manuseio dos bebês ao material de leitura e compreender os significados destas interações, na relação entre os bebês.

Para atingir estes objetivos, utilizamos procedimentos e técnicas adequados às especificidades dos sujeitos da pesquisa, no caso, os bebês. Esta pesquisa assume um caráter qualitativo, pois a mesma

[...] trabalha com o universo de significações, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p.40)

O método qualitativo implica na descrição dos dados coletados e analisados, por meio do contato direto com o objeto investigado.

A pesquisa foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI, localizado na Região Metropolitana do Recife. Tendo como campo de investigação uma turma do berçário. Participaram 11 bebês com faixa etária

entre 9 e 16 meses, 3 Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI's) e a Professora.

Foram realizadas 4 visitas ao CMEI: a primeira destinada ao conhecimento e familiarização com a rotina do berçário e mais 3 visitas para a observação e videografia dos momentos de leitura.

O procedimento de registro utilizado foi a videografia, definida como “o estudo da atividade através de filmagens em vídeo” (MEIRA, 1994, p. 59). Por meio desta técnica

[...] indica-se o local onde se desenvolve a interação, os bebês participantes e as outras pessoas presentes, além das atividades realizadas. Procura-se, também, descrever a concomitância com que ocorrem os diferentes eventos, a seqüência de cada um e se e como um afeta o outro. Ainda, descreve-se as ações, os olhares e as falas dos principais sujeitos envolvidos. Dada à idade dos bebês (primeiro ano de vida) e de suas habilidades de comunicação verbal ainda em desenvolvimento, procuramos discriminar a comunicação e ações não-verbais, captando-se o choro e os balbucios dos bebês, além dos olhares, posturas, movimentos corporais, sorrisos, expressão emocional, em associação à situação como um todo e ao contexto no qual estavam inseridos. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2003, p. 296)

Acreditamos que este recurso é o mais adequado, pois permite ao pesquisador captar os detalhes dos momentos observados e pela capacidade de rever as situações para melhor analisá-las. A realização desta etapa foi possível mediante a autorização prévia, dos pais e/ou responsáveis pelos bebês. Este contato se deu por intermédio da professora do berçário, a qual demonstrou interesse e engajamento na construção da pesquisa.

Antes de tratar da análise e dos episódios, convém tecer algumas considerações acerca da vivência nesta turma. Através da observação, foi possível captar aspectos significativos da rotina da sala de aula, o entrosamento entre a educadora e os demais profissionais do CMEI, o relacionamento entre os bebês, seus gostos, aspectos comportamentais, familiares e sociais, que permitiram delinear um perfil dos sujeitos da pesquisa.

Participar da dinâmica do cuidar e educar no berçário; vivenciar o cotidiano dos bebês, nos momentos de higiene, alimentação, brincadeiras e interações permitiu ampliar o nosso olhar diante dos aspectos estudados sobre o bebê, sua relação com o outro e com o mundo.

A impressão geral, diante da relação estabelecida entre os educadores e as crianças foi determinante para a realização deste trabalho. O clima de troca

e afeto era evidente nas situações de leitura. Procuramos observar os locais onde ocorre a leitura; como é realizado o processo de escolha dos livros; a participação dos bebês antes, durante e depois da leitura foram fundamentais para capturar momentos ricos de interação e construir uma análise consistente ao objeto estudado.

No próximo item, apresentamos como foi feito o tratamento dos dados e a análise do material coletado. Vale ressaltar ainda, que a palavra episódio é utilizada nessa pesquisa para caracterizar uma interação completa entre os sujeitos.

4. Análise dos resultados

A presente análise foi desenvolvida em duas etapas. A primeira se deu pela transcrição dos vídeos, um total de 42 minutos e 60 segundos de gravação. Concluída esta etapa, foram selecionados alguns episódios interativos para ilustrar as interações mais significativas, conforme os limites e a extensão da pesquisa.

Salientamos que

no caso dos bebês, os episódios interativos são muito mais fugazes, desordenados, pouco estruturados e pouco intencionais. Por isso, a metodologia empregada para se estudar interação nessa faixa de idade tem uma importância fundamental. O registro em vídeo e a transcrição microgenética dos episódios recortados são ferramentas ideais para observarmos esses episódios de interação. A análise microgenética permite a apreensão dos gestos e olhares que surgem e duram poucos segundos. Através dela, trechos potencialmente mais ricos em fenômenos observáveis, podem ser esmiuçados segundo a segundo. (ROSSETTI-FERREIRA et al, 2003, p.296)

A segunda etapa consistiu no “estudo detalhado da evolução das relações entre agentes e situações” (MEIRA, 1994, p. 59). Os agentes e as interações presentes nas situações descritas foram analisadas a partir de recortes com o foco nas situações de leitura.

O procedimento de análise dos dados se deu pela análise microgenética. Esta análise obedeceu a critérios previamente determinados, de acordo com os objetivos específicos deste estudo, que se caracterizam pela: identificação das interações que ocorrem nos momentos de leitura; observação do manuseio ao material de leitura e a compreensão dos significados destas interações na relação entre os bebês. Com base nessas categorias e a partir

dos fragmentos selecionados, teceremos nossas interpretações tomando por referência os conceitos e as implicações educacionais da teoria vygotskiana e outros autores.

4.1 Identificando as interações que ocorrem nos momentos de leitura

Na transcrição das filmagens, foram considerados os momentos que antecederam a leitura das histórias e o tempo destinado à exploração coletiva e individual dos livros pelos bebês. Foram identificadas as seguintes interações: o diálogo por meio de gritinhos, vocalizações, balbucios; manifestações de expressões faciais (choro, olhares, sorrisos) e gestuais (sinal positivo/negativo com a cabeça, esticar e balançar dos braços); a imitação do comportamento leitor da professora; a repetição de gestos e palavras; mordidas; momentos de dispersão e de disputa pelo livro e pela atenção da professora.

Com base na teoria interacional de Vygotsky e nos trabalhos de William Corsaro, construímos nossa análise em torno dos episódios interativos entre os bebês. Foram selecionados os episódios que revelam as interações observadas com maior frequência, tendo em vista a impossibilidade de contemplar a totalidade de aspectos envolvidos na pesquisa.

No campo das teorias interacionais, optamos pelas influências psicológicas e sociológicas defendidas pelos respectivos teóricos. Desse modo, destacamos a importância de promover o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, no caso, a Psicologia, a Sociologia da Infância e a Educação, para orientar-nos neste exercício de análise e discussão dos resultados da pesquisa.

Os principais conceitos da teoria vygotskyana são percebidos ao interpretarmos os episódios, como fizemos abaixo

Episódio 1

01 P: - Olha! Tem uma coisa aqui! Tem um presente! *O que é que tem na caixa do neném? (Bis).* (A professora coloca uma caixa no centro da roda formada pelos bebês, dá batidinhas na tampa e começa a cantar).

02 B: (Os bebês estão sentados em volta da professora, seus olhares estão direcionados para a caixa e para os gestos e expressões faciais da professora. Rita e Raissa engatinham pra perto da caixa, Raissa bate na caixa com a mão, repetindo o gesto da professora).³

³ Foram utilizados nomes fictícios para identificar os bebês nos episódios.

No episódio 1, identificamos dois tipos de interações: a repetição dos gestos da professora e que a atenção dos bebês está voltada para os movimentos e expressões da mesma. No episódio 2, destacamos em negrito, outro exemplo que demonstra repetição por parte dos bebês.

Episódio 2

09 P: - Quem sou eu? Senta pra tu ver e pra todo mundo ver também!

10 B: (Jeferson senta com a ajuda da professora. A atenção dos bebês permanece voltada para a professora. André estava febril e mesmo sentado na roda demonstrou não estar prestando atenção à leitura. Renan estava disperso, pois percebeu que tinha algo diferente dentro do berço. O equipamento de filmagem se tornou o foco da atenção desse bebê, o qual passou boa parte da leitura tentando pegar o tripé da câmera).

11 P: - Quem sou eu? Esse é o meu pé!

12 B: - *Aaah! Uuul!!!* (Os bebês soltam gritinhos eufóricos, demonstrando alegria ao ver o livro).

13 P: - Peraí!

14 B: - *Arghn!* (A bebê Vitória grita e balança os braços).

15 P: - Quando ando, balanço pra lá e pra cá. E pra falar eu faço *quá quá! Quá quá!*

16 B: - *Quá, quá!* (João repete a fala da professora. Júlia e Rita movimentam-se durante a leitura. João tenta pegar o livro).

Neste fragmento, o bebê repete a fala da professora e identificamos ainda, que fatores externos (destacados em *itálico*), como doença e a presença de objetos estranhos ao convívio do grupo (tripé da câmera), podem comprometer o nível de envolvimento e participação dos bebês na leitura. Momentos de dispersão também são muito comuns, principalmente em atividades com bebês.

Pedrosa e Santos (2009) salientam que

Num campo interacional há uma dinâmica permanente de transformação e construção de significações. Risos, gritinhos e agitação do corpo são comportamentos ritualizados com grande alcance sinalizador. Selecionados na história da espécie, eles informam as disposições comportamentais dos parceiros no campo social de interações. (p. 56)

Diante destas interações explicitadas, identificamos que o bebê corresponde ativamente às interações e revela através do seu comportamento suas vontades e inquietações. Ao interpretar esses fragmentos temos que considerar que

A reprodução é o suporte para a criação. A reprodução interpretativa da cultura possibilita seu desdobramento, ou seja, o surgimento de uma novidade compartilhada pelo grupo. Esta pode surgir com o uso inusitado de um objeto, o enriquecimento de um empreendimento, a especificação ou a transgressão de uma regra, a sincronia de ações etc. (PEDROSA E SANTOS, 2009, p. 55)

A imitação do comportamento leitor da professora é outro aspecto significativo das interações entre os bebês. No episódio a seguir, ilustramos como esta ocorre.

Episódio 3

67 B: (João dá o livro a professora como se estivesse pedindo pra ela contar a história. A professora abre o livro e começa a fazer perguntas sobre os personagens. O menino pega o livro e observa atentamente as figuras. Vitória levanta com o livro na mão dando gritinhos e batendo os pés no chão).

68 P: - Vitória já aprendeu a rodar a rodinha do livrinho! (A professora comenta com as Adi's).

69 B: - *Aaaah! laaah! Eeeh!* (Vitória continua em pé, ela abre e fecha o livro fazendo graça e chamando atenção como se estivesse contando a história, imitando a professora).

Ao abordar as implicações educacionais da imitação no contexto infantil, Rego (1995) nos alerta que

[...] para Vygotsky, a imitação oferece a oportunidade de reconstrução (interna) daquilo que o indivíduo observa externamente. A imitação pode ser entendida como um dos possíveis caminhos para o aprendizado, um instrumento de compreensão do sujeito. Através da imitação as crianças são capazes de realizar ações que ultrapassam o limite de suas capacidades, [...] É nesse sentido que Vygotsky afirma que a imitação é uma das formas das crianças internalizarem o conhecimento externo. (p. 111)

Em seus estudos, Corsaro (2009) verificou que

A produção da cultura de pares pelas crianças não é uma questão de simples imitação. As crianças apreendem criativamente informações do mundo adulto para produzir suas culturas próprias e singulares. Defino cultura de pares como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares. (p. 31, 32)

De acordo com este autor, podemos concluir que os bebês não apenas reproduzem o que observam, mas ressignificam e regulam suas ações, a partir do outro e de seus interesses.

Outro elemento que nos chamou a atenção, em especial, foram as mordidas. Não só pela frequência observada, como pelas possíveis motivações para esta prática. Apresentamos alguns momentos em que capturamos este tipo de interação.

Episódio 4

231 B: - *Urgh! Aaaah!* (Pedro e Vitória disputam o livro novamente).

232 P: - *Opa!* Calma Vitória, você não pode ficar com tudo, olha o seu aqui!

233 B: (Pedro não consegue pegar o livro de Vitória e tenta pegar o de Jeferson).

234 P: - *Esse é o dele, esse é o dele! Opa!* Vamo guardar os dentinhos? Foi? Aconteceu o quê no teu livro? Me mostra? Me mostra aí Jeferson o que é que tem aí no teu livro? Cadê o teu? (Acontece uma mordida entre dois bebês que estão fora do foco da câmera).

235 B: (Raissa aponta para o livro que está no chão. Vitória tenta pegar o livro de Jeferson).

236 P: - Tá ali, tô vendo! Não, esse é o dele! Vitória, quando ele terminar você pega pra ver!

237 B: - *Nhac!* (Pedro tenta morder a perna de Jeferson, mas a professora evita).

238 P: - *Opa!* Não deu tempo! Vem pra cá!

No episódio acima relatamos uma tentativa de mordida, dentre outras observadas em outros momentos, as quais não tiveram sucesso devido ao olhar atento e a intervenção imediata da professora. Identificamos que as tentativas de mordidas se deram por situações de disputa entre os bebês, seja pelo livro ou pela atenção da professora.

Conceitos como mediação; zona de desenvolvimento proximal; interações sociais; apropriação; internalização e imitação são percebidos ao se debruçar diante do comportamento dos pequenos. A atuação do educador como mediador das interações interpessoais e na interação das crianças com os objetos de conhecimento é fundamental para promover a comunicação compartilhada entre os bebês nos momentos de leitura.

4.2 Observando o manuseio ao material de leitura: Tia pode guardar? Não, não pode!

Neste item, observamos que o manuseio ao material de leitura, ou seja, os livros; se manifesta por meio das tentativas para abrir o livro (com a boca); a exploração dos recursos do material de leitura (pop-ups, espelho, etc); na identificação dos personagens pelo toque (quando os bebês apontam para as gravuras identificando os personagens do livro); pela recusa na devolução dos livros e quando o livro é percebido como brinquedo, ou assume outras funções.

Dessa forma,

Vygotsky estendeu a noção de mediação homem-mundo pelo trabalho e uso de instrumentos ao uso de signos. Afirma que a relação do indivíduo com o ambiente é mediada, pois este, enquanto sujeito de conhecimento, não tem acesso imediato aos objetos e sim a sistemas simbólicos que representam a realidade. (REGO, 1995, p. 102)

Neste sentido, atentamos para a relação dos bebês com o livro, objeto este, considerado por nós como principal representante da produção cultural do homem, além da importância da mediação nesse processo de descobertas e significações.

A manipulação e exploração dos recursos dos livros podem ser observadas neste episódio.

Episódio 5

105 B: (A professora aponta para o livro de Pedro e ele observa as gravuras. Vitória observa atentamente os gestos que a professora faz ao contar a história, principalmente, as expressões faciais).

106 P: - Olha aqui, eu tô vendo! Brincar na água é só alegria, que jeito perfeito de terminar o dia. Aqui ó! Vamo ver o que acontece agora com o bebê?

107 B: - *Uuuu!!!* (Jeferson grita ao abrir na página que tem o espelho, como se estivesse querendo avisar aos outros bebês que tem algo diferente no livro).

Este bebê (Jeferson) foi o primeiro a perceber que tinha algo diferente no livro, um espelho. A exploração em torno do espelho ocorreu de diferentes formas. Os bebês beijaram o espelho, sorriram ao verem suas imagens refletidas, queriam mostrar aos outros que estavam vendo no livro. Já a identificação dos personagens pelo toque, revela que o bebê faz as associações corretas nos momentos de leitura e acompanha o que está sendo lido. Conforme observamos abaixo

Episódio 6

125 B: (Raiane levanta e leva o livro pra perto da professora que aproveita e faz perguntas à menina. Ela corresponde às expectativas da professora apontando para o personagem do livro).

126 P: - Cadê? O que foi que houve? Quem é esse? O cachorro! E esse? É o bebê, muito bem! Minha gente, ela já sabe que é o bebê! Onde é que ele tá de novo?

127 B: (Raiane aponta para o livro de Jeferson).

128 P: - O dele tem bebê também! Aqui! *Hã! Ah!*

Outro aspecto que destacamos, foi a recusa no momento de devolução dos livros. A seguir, podemos verificar como esta ocorre.

Episódio 7

83 B: (João se recusa a entregar o livro).

84 P: - Posso guardar Raiane? Posso? Não?

85 B: (Raiane balança a cabeça fazendo sinal negativo).

86 P: - *Ui*, olha o rosto do coleguinha! Posso guardar? (A professora pega a tampa da caixa e coloca dentro do berço).

87 B: - *Buááá!* (Vitória começa a chorar).

88 P: - Ô, posso guardar? Não?

89 B: (Vitória levanta e sai correndo com o livro na mão).

90 P: - Ela já vai correr! Agora tia vai guardar pra gente fazer outra coisa!

Episódio 8

161 B: - *Dá-dá-dá!* (Raiane entrega o livro. Vitória tenta pegar o livro de Pedro para entregar a professora e ele começa a gritar com a menina, nesse momento a professora se aproxima).

162 P: - Deixe, ele entrega o dele Vitória! Venha cá, ele que vai entregar o dele! Pronto, cadê? Acho que ele não vai entregar agora. Tia pode guardar? Não, não pode!

163 B: (Pedro se recusa a entregar o livro, a professora desiste, mas uma das Adi's pega o livro das mãos do bebê e entrega a professora).

A professora, em todos os momentos, procura negociar com os bebês a entrega dos livros. No entanto, os bebês se mostram curiosos e interessados na exploração desse objeto, trataremos sobre este assunto no próximo tópico.

O livro como brinquedo, também representa uma das formas como os bebês exploram este objeto. Neste episódio, em particular, um dos bebês atribui outra função ao livro. Conforme verificamos abaixo.

Episódio 9

131 B: - *Aaah!* (Jeferson tenta pegar o livro de João, mas não consegue, Raiane tenta pegar o livro de Jeferson e ele grita puxando o livro, a professora intervém).

132 P: - Pedro! Não! Cada um tá com o seu! Olha eu vou dar um a tia Joana pra ela ver o bebê dela!

133 B: (Jeferson coloca o livro na orelha aberto na página do espelho, na posição de uso do telefone).

Ao posicionar o livro como se estivesse utilizando o telefone, o bebê pode estar querendo demonstrar que ele compreende que aquele objeto lhe diz alguma coisa. Ou, poderia o bebê poderia estar reproduzindo uma das práticas mais comuns do nosso cotidiano, que é o frequente uso do celular. Uma investigação mais aprofundada forneceria subsídios para uma interpretação fiel desta ação.

4.3 Bebês e livros: compreendendo os significados das interações observadas

Aprender a compartilhar e dividir momentos e objetos; construir a identidade individual e coletiva; desenvolver a autonomia para explorar objetos e artefatos culturais, como o livro; estabelecer o contato com um modelo de comportamento leitor, estas são algumas das competências que os bebês vivenciam ao interagirem em situações que envolvem a leitura, seja coletiva, ou individual.

Os significados destas interações variam de bebê para bebê, de um contexto para outro. Compreender estes significados não é tarefa simples e exige um nível de investigação que vai além da observação. Fatores sociais, culturais, psicológicos, cognitivos, emocionais, entre outros, precisam ser incorporados nesta dinâmica de pesquisa. Fato que demandaria um acompanhamento maior da rotina dos bebês, para além das possibilidades desta pesquisa. Contudo, elegemos uma das interações com maior ocorrência

nas filmagens, para tentar compreender, ou pelo menos obter uma aproximação deste significado.

A interação foi marcada pela disputa entre os bebês pela atenção da professora e pelo livro. Estes momentos caracterizaram-se como um dos aspectos mais relevantes na investigação com os bebês. Nos fragmentos a seguir, ilustramos algumas dessas situações.

Episódio 10

195 B: - *Grrr!* (Jeferson e Júlia tentam puxar o livro das mãos de Raiane, ao mesmo tempo e rasgam a capa do livro).

196 P: - Eita, o livro agora tá dodói minha gente! Ficou dodói! Olha, sabe o que eu vou fazer? Eu vou lhe dar já já, eu vou fazer um curativo, porque olha, ele tá chorando, olha o dodói dele! (A professora pega o livro das mãos das crianças).

197 B: - *Buááá!!!* (Jeferson começa a chorar, balança a cabeça fazendo sinal negativo, batendo as mãos nas pernas).

198 P: - Eu vou lhe dar, olha! Tá vendo? Tá dodói! É! Ele tá dodói, ele tá chorando! Não precisa chorar que o livro já tá chorando! Pega ali o durex pra mim! Deixa eu colar! Venha!

199 B: - *Eeee... aaah...* (Rita toca em Júlia e vocaliza algo como se estivesse conversando com ela, Rita puxa o braço de Júlia e Júlia faz o mesmo, Rita pega a mão de Júlia e coloca na boca querendo mordê-la. Elas começam a se bater e a professora afasta as meninas).

Episódio 11

211 B: - *Aaaah buááá!* (Jeferson tenta chegar perto de Vitória para pegar o livro, a Adi coloca-o no seu colo e ele chora, bate na Adi, mas não consegue se aproximar do livro, ele fica observando Vitória com o livro e cai no choro. Júlia tenta puxar o livro novamente).

212 P: - Peraí Júlia! Deixa Júlia ler um pouquinho? Agora é a vez de Júlia! Vou chamar...! Esse é pingo de ouro! É! Deixa eu mostrar a Rita?

213 B: - *Aaaah!* (Jeferson aproveita que a Adi se distraiu e consegue se aproximar do livro, mas a professora pega e segura o livro com Vitória. Jeferson tenta outras vezes e chora).

214 P: - O ruim de ter um livro só é isso! Deixa eu botar o livro pra mimi Vitória? Ele vai dormir agora, o livro! Ele vai dormir! Calma que o livro vai dormir! Rejane pega os livros de pano aí no armário, por favor?! Olha, esse livro aqui dos pingos, ele vai dormir! Mas a gente vai acordar os outros livros que tão ali ó!

215 B: - *Clap!* (Vitória dá uma palmada em Jeferson ao ver que ele está tentando pegar o livro dela e o bebê chora).

Esses episódios revelam que os bebês competem entre si e com os outros. As disputas observadas e analisadas nos levam a refletir sobre a construção das identidades e dos valores, entre os pequenos.

Daí a importância do papel do outro na construção do conhecimento. Rego introduz o valor das interações sociais, visto que “na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas”. (1995, p. 110)

Desse modo

Podemos dizer que, nessa abordagem, o professor deixa de ser visto como agente exclusivo de informação e formação dos alunos, uma vez que as interações estabelecidas entre as crianças também têm um papel fundamental na promoção de avanços no desenvolvimento individual. (REGO, 1995, p. 115)

William Corsaro (2009) apresenta uma abordagem mais recente, de cunho sociológico, que trata da socialização na infância, denominada reprodução interpretativa. Detalhada abaixo

O termo interpretativa captura os aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo reprodução significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural. Significa também que as crianças são circunscritas pela reprodução cultural. Isto é, crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros. (p. 31)

Ao discutir sobre as contribuições das pesquisas de Corsaro com as pedagogias das escolas de educação infantil, Barbosa (2009) afirma que

As pesquisas com bebês pequeninhos realizadas com base nas teorias interacionais evidenciam as possibilidades de inter-relação dos bebês entre si, mostrando como os mesmos constroem suas preferências sociais e utilizam uma diversidade de meios de expressão para se comunicar e construir significados compartilhados entre pares. (p. 182)

Neste sentido, cabe ressaltar a responsabilidade e a valorização do papel não só do educador, sobretudo da creche e a concepção assumida diante do bebê.

5. Considerações

Ao final deste estudo, percebemos que ler para o bebê não é uma tarefa fácil e que se trata de uma prática recente, principalmente, no âmbito familiar. No entanto, é preciso estar atento aos benefícios trazidos pela leitura.

Promover situações de leitura, estimular o contato com os livros, desenvolver a atitude leitora desde cedo é um direito do bebê. Ao ser apresentado ao mundo através dos livros, o bebê alimenta sua imaginação, cria e recria conhecimentos, significa e ressignifica as constantes descobertas do seu dia a dia, além de ampliar suas competências sensoriais, comportamentais, interacionais, emocionais e cognitivas.

O livro, dado o seu valor, como um veículo transmissor da cultura se transforma num poderoso aliado para os pais e professores. No sentido de ser

um objeto que, quando inserido de forma pensada e planejada, pode proporcionar não só aprendizagens relacionadas ao desenvolvimento cognitivo ou da linguagem, mas também estimula à construção de valores e competências, como: o ato de compartilhar, por meio da leitura compartilhada; o lúdico; a estética; a importância e o cuidado com o livro; entre outros.

Dentro deste contexto, a mediação é um fator que merece destaque. Quando discutimos sobre mediação, pensamos logo nas estratégias de leitura por parte daquele que conta a história. Estas estratégias existem e podem ser aperfeiçoadas a cada leitura. Contudo, existe outro elemento crucial nesse tipo de mediação. Trata-se do respeito ao ritmo do bebê. Sabemos que para o bebê tudo é novidade, e, em meio a tantas descobertas é preciso dedicar o tempo necessário para que ele possa manusear; explorar; ouvir; brincar com os sons, sabores, cores, texturas e etc.

Os profissionais de creches e pré-escolas necessitam concretizar no cotidiano dessas instituições uma proposta pedagógica que considere as interações que as crianças estabelecem como aspectos fundamentais da vida infantil. Ciente disso, o professor pode estruturar um ambiente propício àquelas interações, respeitando o jogo das crianças e garantindo-lhes o direito à infância. (ROSSETTI-FERREIRA E OLIVEIRA, 2009, p. 67)

Por fim, esclarecemos que neste estudo, não nos preocupamos apenas em investigar sobre como o bebê se comporta diante de uma prática existente, no caso a leitura, mas sim como ele transforma sua realidade e se desenvolve a partir das interações com o outro e no grupo. E, por meio desta iniciativa, pretendemos ampliar a discussão em torno dessa temática, bem como, incentivar pesquisas nessa área.

Os resultados revelam que os bebês são capazes de manipular os livros tomando por referência traços do comportamento do outro, no caso o educador. O estudo sobre o que acontece nas situações de leitura, as interações no berçário, as especificidades da comunicação nessa etapa da vida são aspectos que merecem destaque, além de fornecer subsídios para estudos posteriores e aprofundamentos diante de temas correlatos.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. “Entrando na roda: as histórias na Educação Infantil”. In: BRANDÃO, Ana Carolina P./ ROSA, Ester Calland S. *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. “Como a sociologia da infância de William A. Corsaro pode contribuir com as pedagogias das escolas de educação infantil?”. In: MÜLLER, Fernanda/ CARVALHO, Ana Maria Almeida. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2009.

CARVALHO, Ana M. A. (PEDROSA, Maria Isabel) e ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. *Aprendendo com a criança de zero a seis anos*. São Paulo: Cortez, 2012.

CORSARO, William A. “Reprodução interpretativa e cultura de pares”. In: MÜLLER, Fernanda/ CARVALHO, Ana Maria Almeida. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

DAVIS, Claudia; SILVA, M. A. S. S.; ESPÓSITO, Yara. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. *Cadernos de pesquisa*, v. 71, p. 49-54, 1989.

MEIRA, Luciano. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. *Temas em psicologia*. São Paulo, n. 3, PP. 59-71, 1994.

MELLO, Suely Amaral. “Letramento e alfabetização na Educação Infantil, ou melhor, formação da atitude leitora e produtora de textos nas crianças pequenas”. VAZ, Alexandre Fernandez/ MOMM, Caroline Machado. In: *Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas*. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth Souza. *Argumentação nas rodas de história: reflexões sobre a mediação docente na educação infantil*. Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2012.

PEDROSA, Maria Isabel.; SANTOS, Maria de Fátima. “aprofundando reprodução interpretativa e cultura de pares em diálogo com Corsaro”. In: MÜLLER, Fernanda/ CARVALHO, Ana Maria Almeida. *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, T. G. ; ROSA, E. C. S. . Participação de bebês em práticas de leitura e contação de histórias na creche. In: *17 COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2009*, Campinas. Anais do 17º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, 2009. v. 1. p. 1-9.

RAMOS, Tacyana K. G. . As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? O que fazem suas professoras?. In: *35ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)*, 2012, Porto de Galinhas/PE. Anais da 35ª Reunião Anual da ANPED. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2012.

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. ROSA, Ester Calland de Sousa. *Os saberes e as falas de bebês e suas professoras*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; ANJOS, Adriana Mara dos; AMORIM, Kátia de Souza; VASCONCELOS, Cleiton. A incompletude como virtude: a interação de bebês na creche. *Revista de Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. “Um diálogo com a sociologia da infância a partir da Psicologia do Desenvolvimento”. In: MÜLLER, Fernanda/ CARVALHO, Ana Maria Almeida.

Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. “Você viu que ele já está ficando de gatinho? Educadoras de creches e desenvolvimento infantil”. In: FILHO, Altino José M./ TRISTÃO, Fernanda Carolina D. *Criança pede respeito: temas em educação infantil*. Porto Alegre : Mediação, 2005.

VALDEZ, Diane; COSTA, Patrícia L. “Ouvir e viver Histórias na Educação Infantil: um direito da criança”. In: ARCE, Alessandra/ MARTINS, Lígia M. *Quem tem medo de ensinar na Educação Infantil? Em defesa do ato de ensinar*. São Paulo: Alínea, 2010. 2ª edição.